

**A DIMENSÃO RETÓRICA DA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA: ANÁLISE
TENSIVA DE VIDEOPOEMA SINALIZADO**

THE RHETORICAL DIMENSION OF SIGN LANGUAGES: A TENSIVE ANALYSIS
OF A SIGNED VIDEOPOEM

Suelismar Mariano Florêncio Barbosa¹

Universidade de São Paulo

Resumo: Neste estudo, analisamos como variações prosódicas que rompem a normatividade lexical em textos de Língua Brasileira de Sinais (Libras) constituem estratégias sinalizadas de persuasão afetiva e instauram uma dimensão retórica na enunciação visuoespacial. Com base na semiótica tensiva, examinamos o videopoema *V&V* (2018) para evidenciar como alterações na estrutura fonológica prevista pela norma lexical marcam procedimentos persuasivos do enunciador-sinalizante. Tais procedimentos produzem deformações coerentes de ordem semissimbólica, intensificam a expressividade estética da sinalização e promovem o engajamento sensível do enunciatário, resultando em uma experiência singular.

Palavras-chave: Libras; prosódia; retórica visuoespacial; semiótica tensiva; semissimbolismo.

Abstract: In this study, we analyze how prosodic variations that break lexical normativity in texts of Brazilian Sign Language (Libras) constitute signed strategies of affective persuasion and establish a rhetorical dimension in visuospatial enunciation. Based on tensive semiotics, we examine the videopoem *V&V* (2018) to demonstrate how alterations in the phonological structure prescribed by the lexical norm mark persuasive procedures of the signer-enunciator. Such procedures produce coherent semisymbolic deformations, intensify the aesthetic expressiveness of signing, and foster the enunciatee's affective engagement, resulting in a singular experience.

Keywords: Brazilian Sign Language; prosody; visuospatial rhetoric; tensive semiotics; semi-symbolism.

Submetido em 22 de janeiro de 2026.

Aprovado em 22 de abril de 2026.

¹ Doutorando em Semiótica e Linguística Geral pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Linguística, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP). Esta contribuição foi possível graças ao apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por meio da bolsa do Programa de Apoio à Extensão Universitária (PRAEX), que viabilizou o desenvolvimento das atividades de pesquisa e extensão vinculadas a este trabalho.

Introdução a uma retórica da sinalização

*Brincando com a língua, a poesia ultrapassa suas submissões,
visita suas margens, atualiza suas nuances e enriquece-a ao
transgredi-la.*

Antoine Compagnon, 2006.

Desde o pensamento clássico, buscou-se distinguir e delimitar separadamente o que é dito (*phthongous*) de seu modo de dizer (*prosodias*)². No entanto, entender a prosódia, ou seja, a estrutura do rítmico-acentual de uma língua, é essencial para se aproximar da comunidade de falantes que a utiliza. Isso é especialmente relevante no caso das línguas de sinais, como a Língua Brasileira de Sinais (Libras), pois estudar a prosódia dessas línguas permite eliciar a dimensão retórica que lhes é inerente.

Apesar do número crescente de estudos orientados para função discursiva da prosódia (den Ouden et al., 2009; Hirschberg & Grosz, 1992; Lehiste, 1975), incluindo as relações retóricas inauguradas na sinalização (Dachkovsky; Stamp; Sandler, 2023), os Estudos Surdos³ ainda não exploraram plenamente as implicações desse fenômeno. Diante disso, neste trabalho, propomos investigar a dimensão retórica na enunciação de textos sinalizados em Libras, a partir das variações prosódicas que rompem a normatividade da língua enquanto *estratégias sinalizadas de persuasão afetiva* em textos de modalidade visuoespacial.

Nas seções seguintes, propomos a existência de uma programação textual de caráter persuasivo na expressividade estética da Libras. Ainda que não explicitamente perceptível, esse procedimento enunciativo rege tanto a manifestação do texto pelo enunciador quanto as expectativas do enunciatário, conforme padrões coerentes de sinalização e sua relativa transgressão durante o ato enunciativo. A semiótica tensiva, desenvolvida por Claude Zilberberg, permite compreender como variações prosódicas influenciam afetivamente o julgamento epistêmico do enunciatário, que avalia o discurso sinalizado com base em seus limites e limiares de aceitabilidade, reconhecendo ou não deformações semissimbólicas inauguradas pela sinalização estética, que homologam o conteúdo informacional à expressão prosódica gestual.

² Na expressão *phthongous te kai prosodias* na *República* de Platão (2013, p. 254).

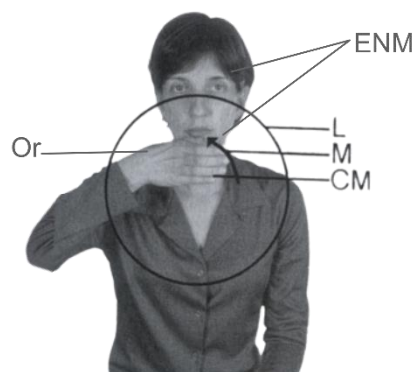
³ Segundo Skliar (2015, p. 5), os Estudos Surdos podem ser definidos como pesquisas de ordem linguística que têm como objetivo principal compreender as experiências e perspectivas das pessoas surdas, visando a combater as injustiças e discriminações que historicamente têm sido impostas a essa comunidade.

Para ilustrar nossas proposições teóricas, analisamos a dimensão retórica inaugurada na interação entre enunciador e enunciatário no videopoema *V&V* de Fernanda Machado (2018). Descrevemos como a estrutura prosódica é construída pelo enunciador ao mobilizar valências tensivas específicas para manifestar o texto, explicamos seu trabalho de transgressão da norma lexical para compatibilizar a dinâmica figurativa com categorias figurais do discurso e, por fim, discutimos os possíveis efeitos de sentido gerados na percepção do enunciatário durante a assistência do videopoema.

1. Prosódia das línguas de sinais

A gramática da Libras descreve as estruturas sublexicais dos sinais a partir de *parâmetros primários*, constituintes mínimos de caráter fonológico que isoladamente não expressam significados. Os Estudos Surdos consideram, atualmente, cinco parâmetros primários: *Configuração de mão*, *Movimento*, *Ponto de Articulação*, *Orientação da mão* e *Expressões não manuais* (Battison, 1974; Cokely; Baker-Shenk, 1980; Friedman, 1975; Stokoe, 1960), conforme ilustra a Figura 1, a seguir.

Figura 1: Parâmetros primários das línguas de sinais



Fonte: Adaptado de Quadros; Karnopp, 2004, p. 51.

A combinação de parâmetros, dentro de restrições linguísticas, permite a construção da fonologia de cada língua de sinais (Brentari, 1998). Cada sistema linguístico define limitações sobre quais propriedades dos parâmetros podem ser alteradas em sinais fonologicamente adequados, embora essas restrições possam ser flexibilizadas no ato enunciativo. Uma das preocupações dos Estudos Surdos é entender como essas limitações fonológicas podem ser exploradas para construir aspectos prosódicos, principalmente na estrutura da poesia sinalizada (Klima; Bellugi, 1976; Ormsby, 1995;

Valli, 1990). Clayton Valli (1993) afirma que a estrutura prosódica do texto sinalizado é construída por movimentos, pausas e suspensões, e destaca quatro categorias cinemáticas que Surdos manipulam para criar efeitos prosódicos, como demonstra o Quadro 1, abaixo.

Quadro 1 — Metodologia de análise rítmica da sinalização de Valli (1993)

Duração do movimento	regular	lento		rápido
Tamanho do movimento	movimento de trajetória ampliada	movimento reduzido	movimento de trajetória reduzida	movimento acelerado
Ênfase no movimento	longo	curto	alternado	repetido
Ênfase na suspensão	pausa longa	pausa sutil		pausa brusca

Fonte: Valli, 1993, 59-103.

Os estudos de Valli (1993) influenciaram pesquisas de Sutton-Spence (2005), Klamt (2014), Klamt, Machado e Quadros (2014), referências em trabalhos brasileiros sobre o uso estético das línguas de sinais. Sutton-Spence (2021) explica que a estrutura prosódica das línguas de sinais pode evocar emoções no público, por meio da Libras estética. Para a autora, os sinalizadores podem “brincar” com variações de velocidade, uso do espaço e configuração das mãos, alterando o uso esperado das formas lexicais para criar simetrias, assimetrias e antropomorfização de personagens, impactando visualmente o enunciatário (Sutton-Spence, 2021, p. 63). Tais procedimentos enunciativos que, neste trabalho, assumimos como *estratégias sinalizadas de persuasão afetiva*, relevam a função discursiva da prosódia das línguas de sinais, que permite a enunciação de atitudes e emoções por meio da expressividade na sinalização.

No entanto, acreditamos que os postulados metodológicos de Valli (1993), elencados no Quadro 1, acima, apresentam certas limitações metodológicas. Eles sobrepõem, por exemplo, em um mesmo critério de análise (tamanho do movimento), elementos de velocidade e espacialidade cujas tarefas associadas a cada um, embora interdependentes, precisam ser definidas com mais clareza. Além do mais, estudos como os de Valli (1993), consideram tais critérios enquanto categorias discretas, do que

discordamos, posto que, para nós, a prosódia das línguas de sinais deve ser eliciada por categorias de natureza gradual.

Apesar do crescente interesse por fenômenos graduais em Línguas de Sinais, a maioria dos estudos recentes foca no léxico produtivo não central, associado à gesticulação e não à gestualidade⁴. Para refutar as proposições de Johnston e Schembri (2007), que vinculam as ações expressivas gradativas a formas não lexicais, e de McNeill (1985), que afirma que a convencionalidade do sistema visuoespacial "não deixa espaço" para modificações estruturais espontâneas, propomos que esses fenômenos também ocorrem nas variações prosódicas de sinais lexicais e parcialmente lexicais⁵.

Para tanto, baseamo-nos em Fuks (2016) que mostrou que a gradação se manifesta tanto em formas lexicais centrais quanto não centrais nas línguas de sinais, e que gesticulações gradientes de nível superficial são predicadas por um nível mais abstrato por um *processo sinérgico* do sistema linguístico visuoespacial (Fuks, 2016, p. 197–199). Segundo a autora (Fuks, 2016, p. 198), para criar o efeito de intensificação, o enunciador pode realizar *modificações contingentes de ordem gradativa* nos parâmetros primários do núcleo lexical (Configurações de Mão, Movimento, Ponto de Articulação e Orientação das mãos) durante o ato enunciativo. Embora a literatura sobre prosódia trate do uso estético da fala expressiva como uma relação simbólica (Hinton; Nichols; Ohala, 1995), reconhecemos essas modificações como parte de um *sistema semissimbólico*, pois não são necessárias, mas sim compatibilidades parcialmente motivadas entre categorias dos planos da linguagem.

Na manifestação dos efeitos estéticos comentados acima, é flagrante a interferência do sujeito da enunciação. Em nossa acepção, compreendemos a dimensão retórica da sinalização como operações de ajustamento emocional e sensorial entre a

⁴ A *gesticulação* diz respeito aos gestos que acompanham a fala, desempenhando, portanto, um papel co-verbal. Já a *gestualidade* está relacionada ao uso desses gestos de maneira verbal dentro de um sistema linguístico estruturado em uma modalidade visuoespacial. Existe um amplo debate sobre a presença de gestos co-verbais na gestualidade (Corina; Bellugi; Reilly, 1999; Quinto-Pozos; Mehta, 2010), do qual destacamos resultados sobre o caráter simbólico, gradual e afetivo da gesticulação – processada pelo hemisfério direito de qualquer falante, independentemente da modalidade de sua língua natural – e a natureza semiótica, discreta e inteligível da gestualidade – característica do processamento linguístico no hemisfério esquerdo do cérebro de sinalizadores. A partir desses resultados, propomos a possibilidade de uma articulação retórica intermediária entre esses dois polos, com características também semióticas, mas de caráter gradual e tensivo – hipótese que atualmente estamos investigando.

⁵ O vocabulário das Línguas de Sinais (LS) é composto por duas categorias principais: as formas "totalmente lexicais", equivalentes às palavras das línguas orais, caracterizadas por significados estáveis, articulação fixa, presença em dicionários e obediência às regras linguísticas; e as formas "parcialmente lexicais", que são mais flexíveis e criativas, como os *classificadores*, gestos que representam objetos ou descrevem interações espaciais, conforme explicaremos adiante.

intencionalidade persuasiva do enunciador e a aceitabilidade do enunciatário visado. O enunciador-sinalizante organiza o andamento e a tonicidade do texto sinalizado, mantendo ou rompendo com as expectativas do enunciatário quanto às formas de citação dos sinais lexicalmente especificadas. Essas proposições metodológicas serão detalhadas na próxima seção.

2. Metodologia semiótica

A definição semiótica de prosódia prevê aproximações entre fenômenos prosódicos e a semiótica musical (Greimas; Courtés, 2021, p. 393), coerente com a visão de Hjelmslev, que via a linguagem verbal como "uma prática impregnada de recursos musicais" (Tatit, 2005, p. 14). Em ambas as perspectivas, há uma musicalidade subjacente ao funcionamento linguístico⁶, além do tratamento poético dos textos, nos quais a "pequena música da fala" é exacerbada em relação aos constituintes fonemáticos e semânticos (Tatit, 2005, p. 14-15).

Claude Zilberberg, autor que enfatizou a lógica hjelmsleviana, a temporalização de Valéry (1973), a acentuação de Cassirer (2019) e a musicalização de Brelet (1949), na semiotização de Greimas (2017), focou nos aspectos prosódicos da significação. Utilizando categorias do plano de expressão, o autor construiu as bases de seu projeto de *prosodização do plano de conteúdo* (Tatit, 2019, p. 133). Embora as proposições de Zilberberg previssem a análise de ambos os planos da linguagem, o semioticista não se dedicou à análise específica do plano de expressão (Tatit, 2019, p. 140). No entanto, os elementos de manifestação textual são caros aos processos semióticos de natureza artística (Tatit; Lopes, 2008, p. 80), tais como os observados pelo objeto de análise deste trabalho. Dessa forma, recuperamos, a nosso favor, o aforismo de Greimas, segundo o qual “o que é necessário reter é a possibilidade e a necessidade de utilizar o significado para o estudo do significante” (Greimas, 1973, p. 43). Voltaremos à continuidade desta citação adiante.

No texto sinalizado, é essencial vincular os aspectos temporais à sua modalidade espacial. O andamento e sua tonicidade pelos quais o texto é enunciado assumem papel

⁶ A proposta de uma musicalidade da *fala sinalizada* pode parecer incongruente em uma língua utilizada por pessoas imersas no imaginário do Silêncio, frequentemente impedidas e afastadas da relação com os fenômenos sonoros (Paula; Pederiva, 2022, p. 1–14). Contudo, partimos do pressuposto de que a musicalidade é inerente às experiências que nos constituem e, portanto, línguas de sinais, como a Libras, não são línguas do Silêncio, mas sim expressões que refletem, além do caráter verbal, uma sonoridade visual, cuja cadência também contribui significativamente para a construção da dimensão afetiva do texto.

preponderante, pois “duração e espaço variam em proporção inversa à modulação do andamento, e são comandados por este” (Lopes, 1998, p. 146). Assim, assumimos que, sob a regência de *andamento-tonicidade-espaço-duração* profundos (ou figurais), a distribuição dos acentos na tessitura do discurso rege a estrutura rítmico-acentual superficial (ou figurativa) do texto. Para esta análise inicial, selecionamos o parâmetro Movimento, posto que sua importância na construção da prosódia sinalizada é amplamente atestada pelos Estudos Surdos (Klamt, 2014; Quadros et al., 2023, p. 334; Quadros; Karnopp, 2004; Valli, 1993).

Readmitindo as proposições dos estudos linguísticos em torno das línguas de sinais (Klamt, 2014; Klamt; Machado; Quadros, 2014; Sutton-Spence, 2005; Valli, 1993) em uma releitura semiótica, a prosódia⁷ sinalizada pode ser mensurada a partir de oposições de *andamento*, entre valências de aceleração e desaceleração⁸; de *tonicidade*, tonificação e atonização⁹; de *temporalidade*¹⁰, extensão e brevidade; e, finalmente, de *espacialidade*, entre fechamento e abertura¹¹ do parâmetro Movimento. O pensamento tensivo propõe que seccionemos essas valências em uma rede elementar de quatro termos: *sobrecontrário átono*, *subcontrário átono*, *subcontrário tônico* e *sobrecontrário tônico* que determinam a inscrição de uma de análise do parâmetro Movimento, conforme o Quadro 2, a seguir.

Quadro 2 — Matriz de análise tensiva do parâmetro M em Libras

	Valências	Subvalências
--	-----------	--------------

⁷ Observe-se que nos referimos a valências superficiais (figurativas), que predicam seus valores tensivos de valências profundas (figurais). Optamos por manter a mesma nomenclatura para ambos os níveis de significação, em razão da economia conceitual e também porque a discussão sobre os elementos que compõem a profundidade do plano de expressão sinalizado ainda necessita de aprofundamento. Contudo, oferecemos esclarecimentos sobre as especificidades dessas valências em notas de rodapé correspondentes.

⁸ Andamento superficial relacionado à *aceleração*, grandeza física que, em mecânica, diz respeito à taxa de variação da velocidade de um objeto em relação ao tempo ($\bar{a} = \frac{\Delta v}{\Delta t}$). Dizemos “relacionado”, pois os elementos da expressão são noções qualitativas e, por essa razão, escapa às medidas físicas (Bordron; Dondero, 2023, p. 20). Esse esclarecimento se estende às demais valências superficiais mencionadas a seguir.

⁹ Aproxima-se, no nível superficial, da noção de *esforço* corresponde à quantidade de *energia* utilizada durante o *impulso* nervoso que ativa fibras musculares para contrair ($F = m \cdot a$), consumindo trifosfato de adenosina (ATP), especialmente os músculos responsáveis pela fala sinalizada (Napoli; Sanders; Wright, 2014, p. 425).

¹⁰ No nível superficial, está ligado ao que se denomina em Física de *duração*, ou seja, o intervalo de tempo que medeia, em nosso caso, o início e o fim de um sinal da Libras ($\Delta t = \frac{\Delta s}{v_m}$).

¹¹ Relaciona-se, no nível superficial, ao *deslocamento*, grandeza Física que, em mecânica, representa a variação de um corpo em determinado espaço ($S = S_0 + v \cdot \Delta t$).

Andamento	Desaceleração → Aceleração	Refreado	Lento	Rápido	Precipitado
Tonicidade	Atonização → Tonificação	Fraca	Moderada	Forte	Intensa
Temporalidade	Extensão → Brevidade	Prolongada	Longa	Breve	Abreviada
Espacialidade	Abertura → Fechamento	Ampliada	Larga	Curta	Reduzida

Fonte: Elaboração própria.

A análise prosódica a partir de valências tensivas permite maior clareza sobre o papel de cada critério de análise. Pensar em aberturas e fechamentos, extensões e abreviações do Movimento é formular nossa proposta no domínio da extensividade. Logo, tais elementos *numeráveis* revelam a face objetual da análise prosódica, assim como o faz a metodologia corrente. Contudo, outra contribuição teórica parece-nos evidente: postas sob a aplicação aspectual, mencionada acima, “cada uma dessas grandezas impõe uma **tensão**” (Fontanille; Zilberberg, 1998, p. 200, não publicado, grifo do autor) que correlaciona espacialidade e temporalidade em reticulação com andamento [e tonicidade], e “espera que o *sujeito* a arbitre” (Fontanille; Zilberberg, 1998, p. 200, não publicado, itálico nosso, tradução nossa¹²).

As escolhas do enunciador mobilizam o fazer interpretativo do enunciatário em um fluxo constante de continuidades e descontinuidades, paradas e retomadas, estratégias enunciativas de ordem afetiva que buscam manipular o enunciatário a aderir a determinados valores e, por fim, reuni-los em uma totalidade congregadora de sentido geral (Teixeira; Faria; Sousa, 2014, p. 318). Desse modo, o texto é construído tendo como suporte uma *intencionalidade* implícita do enunciador.

Porém, para que o enunciador cumpra seu projeto comunicativo, precisa calcular subjetivamente até que ponto o enunciatário está disposto a fazer concessões em seus limites de aceitabilidade, julgando coerentes as conotações prosódicas que opera. Posto que a práxis enunciativa impõe a dupla restrição das regras morfossintáticas da língua e

¹² No original: *Une de nos hypothèses stipule que l'intensité peut se manifester par le tempo, la durée et la spatialité; chacune de ces grandeurs impose une **tension** et attend de la part du sujet un arbitrage: pour le tempo, entre vivacité et lenteur, pour la durée, entre longueur et brièveté; enfin, pour la spatialité, entre fermeture et ouverture.*

os limites socioculturais estabelecidos pelo *uso* (Bertrand, 2003, 84-90), a enunciação individual precisa considerar que ultrapassar os limites de finalização, que prevê as restrições de uso, e otimização, que indica as competências enunciativas necessárias para a sinalização, impostos pelo sistema linguístico (Fontanille, 2008b, p. 176–177), pode resultar na rejeição da mensagem.

Assim, o sujeito sinalizante reconhece os produtos do uso, como gêneros discursivos, esquemas narrativos e até mesmo fraseologias que moldam a previsibilidade e as expectativas de sentido e guiam tanto a produção quanto a interpretação de enunciados (Bertrand, 2003, 87), e, principalmente, avalia até que ponto pode transgredir em sua busca por criar *impacto visual*, sem que com isso comprometa a comunicação.

Portanto, durante a sinalização, o sujeito enunciador busca a justeza rítmica (*eurritmia*) entre os valores enunciados e aqueles apreendidos por seu público espectador. Seu trabalho providencia o ajustamento entre a medida intensiva e o número extensivo (Zilberberg, 2011, p. 112). Cabe ao enunciador-sinalizante “organizar, conciliar as desigualdades de andamento, os picos e quedas de tonicidade, a simultaneidade dos tempos longos e breves, a instabilidade do espaço” (Zilberberg, 2011, p. 161), criando os efeitos estéticos previstos pelos Estudos Surdos, com o objetivo de evocar emoções no público espectador (Sutton-Spence, 2021, p. 63). O interesse recai tanto no *poder-fazer* do enunciador quanto no julgamento epistêmico desse *poder* pelo enunciatário, a partir das cifras tensivas avaliadas como mais ou menos aceitáveis.

Logo, da análise prosódica na *esfera do objeto*, é possível avançar para a análise de sua produção na *esfera do sujeito da enunciação*, considerando como a consciência intencional do enunciador (Jacquemet, 1986, p. 190–191) articula os elementos de manifestação do conteúdo de acordo com uma programação persuasiva. Esse procedimento permite analisar como o enunciador organiza a expressão para obter controle sobre o percurso de manifestação e conduzir o enunciatário a determinados valores estéticos (Tatit; Lopes, 2008, p. 93). Trata-se da dimensão retórica do discurso gestual, prevista pela análise semiótica (Greimas; Kristeva; Torres, 1979, p. 143), que permite considerar as práticas e estratégias¹³ tanto argumentativas quanto interpretativas (Fontanille, 2008b, p. 84–104) da sinalização.

¹³ Como pressagia o título da obra *Práticas e linguagens gestuais* (1979), organizada por Greimas e seus colaboradores.

Essa proposta nos remete outra vez ao aforismo de Greimas, que afirma a importância de usar as estruturas do “significante para o estudo do significado” (Greimas, 1973, p. 43), possibilitando a quantificação subjetiva da estrutura rítmico-acental das vivências ao longo do percurso gerativo da significação, conforme Greimas e Courtés (2021, p. 423), uma vez que, não só o plano de expressão, mas todo o *continuum* semiótico, é modulado por uma dinâmica prosódica gerida pela enunciação, que distribui acentos em diferentes níveis de pertinência, configurando o isomorfismo entre os planos, pelo qual um acento na expressão corresponde a uma ênfase no conteúdo (Zilberberg, 2011, p. 16).

Em última análise, a metodologia deste trabalho parte de uma fundamentação fenomenológica inerente ao pensamento tensivo, que orienta a aplicação dos fundamentos epistemológicos da categoria elementar, a partir da qual se forma a primeira distinção semiótica: a *existência versus experiência* (Fontanille, 2008, p. 63). Considerando que as experiências subjetivas são produtos das interações cotidianas (Fontanille, 2008a, p. 72), demonstraremos a coerência das escolhas metodológicas na análise do videopoema *V&V*¹⁴, de Fernanda Machado (2018).

3. A dimensão retórica no videopoema *V&V*

Em *V&V*, narra-se o encontro entre duas personagens Surdas que, inicialmente, estabelecem uma relação amistosa, mas, com o tempo, surgem problemas de relacionamento cada vez mais intensos. A questão entre elas só é resolvida ao final, quando ambas se olham mutuamente e interagem de maneira mais próxima. Em termos semióticos, os actantes-sujeitos *não sabem* ou *não podem* se dar bem. Suas personalidades são opostas, apesar de serem ambos Surdos. A falta dessa competência instaura a quebra da espera fiduciária, e o tumulto modal decorrente gera uma sequência de sanções negativas recíprocas, descrevendo um estado de coisas que prevalece a maior parte do tempo durante a *performance*: a divergência.

Em seus encontros, cada sujeito opera um julgamento epistêmico sobre o que seu oposto *parece* ser em comparação com o que realmente *é* e aplica uma sanção cognitiva, seguida de uma sanção pragmática, como retaliação à ação do outro, buscando compensar a falta fiduciária e garantir a justiça, conforme um universo axiológico particular

¹⁴ Disponível em https://player.vimeo.com/video/325444221?app_id=122963.

(Bertrand, 2003, p. 360–372). A Figura 2, a seguir, ilustra o encontro entre as personagens e seu desajuste identitário.

Figura 2: Divergência entre personagens



Classificadores utilizados no videopoema para narrar respectivamente a) o encontro de duas pessoas, b) o mútuo reconhecimento e, por fim, c) a inversão de personalidade delas.

Fonte: Elaboração própria.

O enunciador do videopoema opta por manifestar tal polêmica discursiva por meio de classificadores, ou seja, sinais parcialmente lexicalizados que ajudam a descrever pessoas, animais, objetos e verbos por meio da expressão corporal. Há aí uma astúcia de caráter tensivo: a reiteração de uma única Configuração de Mão em [V]. Ao organizar a estrutura do poema em torno da repetição de uma única forma de mão, essa estratégia enunciativa apresenta-se como princípio *inteligível* organizador, muito comum em línguas de sinais, e pressupõe a *competência interpretativa* do enunciatário, uma vez que torna a sinalização mais consciente e mais facilmente perceptível (Blondel; Miller, 2000, p. 61). Em contrapartida, deixa que a manifestação se torne, ainda, mais dependente do uso de formantes visuais próprios de uma quase-gesticulação, apresentando ao enunciatário um conjunto de sinais que exige maior engajamento *sensível*, para que, por meio da operação de catálise, os classificadores assumam sentido.

Como vimos, a literatura sobre a linguística das línguas de sinais prevê que o sinalizador pode modificar espontaneamente a estrutura de sinais parcialmente lexicalizados. Essa operação enunciativa pode ter o intuito de situar argumentos no espaço de sinalização (Brentari; Goldin-Meadow, 2017, p. 373–375). Assim, ao manifestar a tensão presente no encontro entre as personagens, em vez do uso convencional do espaço, como referenciado pelos dicionários (Cf. Capovilla et al., 2017, p. 585), o enunciador

compatibiliza as fases de aproximação e distanciamento das personagens, pela expressão, com os momentos de relaxamento e tensão, no conteúdo, respectivamente, *ampliando* a trajetória do parâmetro Movimento para o primeiro caso e *reduzindo-a*, para o segundo caso, conforme ilustra a Figura 3, abaixo.

Figura 3: Retaliações gradativas entre personagens de V&V



Classificadores utilizados no videopoema para narrar respectivamente a) os programas de retaliação que b) graduam-se cada vez mais até que haja c) a saturação da agressividade e, por fim, d) a suspensão do percurso de pejoração. **Fonte:** Elaboração própria.

Quanto maior a tensão no discurso, maior o fechamento espacial na manifestação. Segundo Sutton-Spence (2021, p. 190), a redução da trajetória espacial dos Movimentos contribui para “a ideia de energia e firmeza” na sinalização, criando um ritmo forte. Em V&V, o enunciador coloca pouco a pouco os tempos fortes no fechamento espacial e os fracos na abertura, o que se relaciona inversamente com as noções de protase (/) e apodose (\) do campo relacional, a mais simples unidade funcional do eixo sintagmático (Carmo Júnior, 2005, p. 74). Para reforçar essa gradação de tensão na percepção do enunciatário, o enunciador de V&V acelera o Movimento dos sinais e diminui sua duração, como ilustrado na Figura 4, a seguir.

Figura 4: Aceleração do andamento e redução das durações na manifestação de *V&V*

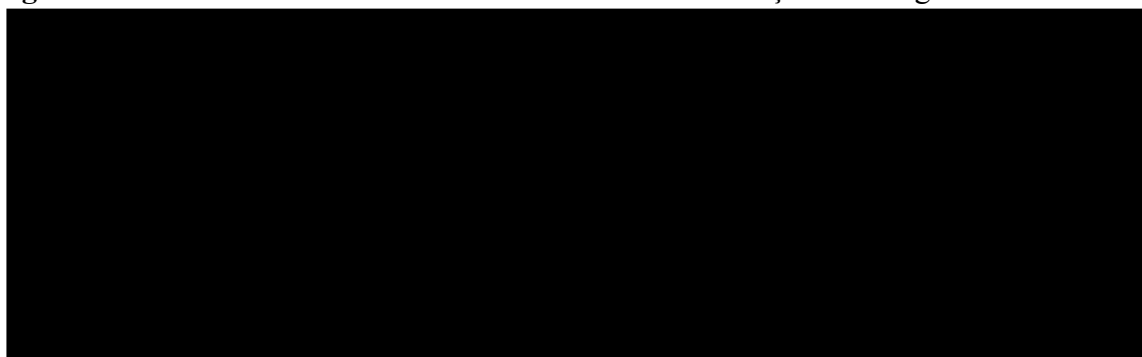


Entre o intervalo de 01:24 e 01:39, durante a sinalização do aumento de tensão no conteúdo, os sinais são acelerados à precipitação. Fonte: Elaboração própria.

A aceleração do conteúdo encontra compatibilidade na expressão: sinais cujos Movimentos têm andamento precipitado, temporalidade abreviada e trajetória reduzida. Ao realizar excursões menores com o parâmetro Movimento, o enunciador salta determinados segmentos, fundindo-os, ajustamento de limiares que permite fazer caber mais unidades linguísticas em um mesmo intervalo de tempo, o que concorre para a aceleração da taxa de elocução da enunciação.

O uso de pistas prosódicas de andamento, como acelerações ou desacelerações, baseia-se provavelmente na habilidade humana de monitorar dados perceptuais, como o Movimento, para prever o que será enunciado a seguir. Pistas sensoriais ajudam na percepção do discurso e permitem que o enunciatário infira os objetivos do enunciatório-sinalizante (Zacks; Tversky, 2001), resultando em uma leitura previsível e implicativa. No videopoema analisado, no entanto, como observado no parágrafo anterior, a aceleração do andamento é concessiva, aumentando a intensidade global do texto. O aumento da aceleração, quando a tensão entre as personagens cresce, é compatível com a tonicidade da expressão e do conteúdo através de ênfases no parâmetro Movimento, como mostra a Figura 5, a seguir.

Figura 5: Ênfases realizadas no Movimento durante a saturação da intriga no conteúdo





A aceleração do andamento coaduna com o aumento de tonicidade no plano de expressão. **Fonte:** Elaboração própria.

No conteúdo, estabelece-se um percurso de *pejoração*, cujos de programas narrativos pressupostos estão dispostos pela programação textual em ordem da intensidade de cada encontro. Em sequência, esses programas realizam-se em progressiva tonicidade e aceleração. As *marcas* decorrentes do contato entre as personagens são potencializadas com cada vez mais tonicidade, e retroalimentam os modos de existência para a realização de novos contatos no futuro, em consonância com aforismo de Paul Valery, segundo o qual “o que nos toca, persiste, e se projeta nas coisas subsequentes” (Valery, 1973, p. 1235).

Na manifestação, os limites intensivos do conteúdo são dados pelos limites físicos do tônus muscular do enunciador sinalizante. O máximo de força empregada na configuração dos sinais corresponde à saturação da intriga entre as personagens. Tal esforço do dispositivo osteomuscular do enunciador-sinalizante, na expressão do videopoema, intervém como suporte operatório ao engajamento tônico do enunciatário com os valores do texto, garantindo a fruição estética pretendida pela enunciação, o que analisaremos adiante.

O encontro final entre as personagens exige um paroxismo tensivo. A essa altura, há a demanda de certo tempo para que as diferenças sejam dirimidas e as identidades aderidas a um novo e único universo de valor. Logo, é preciso “uma parada repentina de todo movimento no espaço, uma imobilização do objeto-mundo, do mundo das coisas” (Greimas, 2017, p. 31). Essa parada é evidenciada na manifestação em Libras: quando os limites quantitativos das vinganças dos actantes são alcançados e a equivalência entre o erro sofrido e o dano causado é reconhecida (Fontanille, 2005, p. 72), ocorre o

contraprograma de frenagem da pejoração, figurativizado pela queda concomitante das personagens, pouco antes do desenlace (ver Figura 3c)¹⁵.

Trata-se de reduzir a relevância das diferenças, ou seja, tornar a intensidade mais tênue e mais difusa a extensidade dos objetos que ingressam nos campos de presenças correlatos, de modo a permitir que as identidades se misturem, impedindo identificações particularizantes (Tatit, 2019, p. 162) e tornando a convivência tolerável. O ajustamento emocional e sensorial entre as personagens conduz a um percurso de melhoria, sinalizando a conciliação (ver Figura 6).

Figura 6: Conciliação entre as personagens mediante aceitação de similaridades convergentes



Percurso de melhoria, entre 01:42 e 01:57, no qual o parâmetro Movimento passa a ser configurado com espacialidade ampliada, temporalidade alongada, tonicidade fraca e andamento refreado. Fonte: Elaboração própria.

O que está em jogo é o contato entre os sujeitos e como a relação intersubjetiva elicia a *contingência* espaço-temporal (Zilberberg, 2004). Importa compreender o impacto do encontro entre as personagens, especialmente a densidade de presença de cada identidade, que, ao realizar o contato, intersecciona a si o modo de assimilação da forma de vida de seu oposto complementar (Tatit, 2019, p. 145). No plano de conteúdo, isso reflete o ajustamento do desequilíbrio rítmico-acental entre as identidades (Zilberberg, 2011, p. 110), observável na cadência entre valores concessivos e implicativos, exemplificados pelo Quadro 3.

¹⁵ Realizamos considerações sobre o papel das pausas e suspensões do parâmetro Movimento que não alcançaram possibilidade de apresentação na síntese deste trabalho. Contudo, cabe dizer que o efeito de sentido criado pelas pausas e suspensões do parâmetro Movimento em *V&V* cumpre o papel de retenção da tensão (ocupação do tempo no espaço), durante a manifestação sinalizada.

Quadro 3 – Cadência de operações juntivas em *V&V*

concessão	implicação	concessão
<i>Embora</i> sejam parecidas, as personagens divergem por suas alteridades.	Não é possível que as personagens se identifiquem, <i>pois</i> são mais diferentes do que parecidas	<i>Apesar</i> de serem diferentes, as personagens conciliam-se pela tolerância.

Fonte: adaptado de Zilberberg, 2004, p. 98.

A cadência dos acentos operada pelo enunciador, no conteúdo e na expressão, modula a vivência dos sujeitos e estabiliza identidades moventes (Mancini, 2019, p. 70). Essa operação realiza a resegmentação da expressão e resulta na resemantização do discurso, ambos os planos assumidos em um mesmo espectro contínuo, analisável em fases.

Durante a manifestação do videopoema *V&V* em Libras, o uso poético da linguagem pressupõe a *aceitabilidade* de uma forma linguística que traz embricada em si elementos relacionados à substância da expressão, como os de caráter suprasegmental. Em termos hjelmslevianos (1985), o enunciador sincretiza os constituintes (*cenemas*) e destaca os caracterizantes (*prosodemas*) do plano de expressão, conferindo musicalidade aos elementos verbais. Em consonância com Fontanille (2017, p. 1), de fato, é preciso uma investigação semiótica que considere a substância para encontrar também aí possibilidades analíticas do afeto. A prosódia da enunciação de *V&V* afirma a tensão no plano de conteúdo por meio de um sistema semissimbólico, conforme sintetizado no Quadro 4, garantindo, por sua vez, a justeza rítmica entre os valores enunciados e os próprios do enunciatário (Zilberberg, 2011, p. 110).

Quadro 4 - Homologações entre a superfície textual e as categorias figurais

	Emissividade	Remissividade
Plano de conteúdo	Identidade	Diferença
	Conciliação	Divergência
Plano de expressão	Abertura	Fechamento
	Alongamento	Abreviação

	Retardamento	Precipitação
	Atonização	Tonificação

Os elementos suprasegmentais da expressão solidarizam-se com categorias desenvolvidas nos níveis do percurso gerativo de sentido. Tal homologação só ocorre pela predicação dos valores missivos que são solicitados desde o nível figural do poema.

Fonte: Elaboração própria.

Ao variar os elementos prosódicos por meio da musicalidade que acompanha sua sinalização, o enunciador do videopoema *encarna* nos sinais conteúdos emocionais. Desse modo, mobiliza grande quantidade material substancial da expressão que serve como base para criar nuances prosódicas, combinando e aspectualizando elementos suprasegmentais para gerar configurações expressivas que conotam a manifestação gestual com efeitos secundários de sentido (Carmo Júnior, 2005, p. 70). Assim, valendo-se de contrastes semissimbólicos, o enunciador põe em prática um dispositivo persuasivo-argumentativo e sua organização afetivo-passional (Barros, 1998), inaugurando a dimensão retórica no discurso sinalizado. Tais deformações no plano de expressão aparecem como transgressões da malha textual, enquanto *estratégias sinalizadas de persuasão afetiva*.

Em um crescente gradual de tensão, o discurso textualizado, ora acelerado, ora alentecido, com sinais mais abertos ou alongados, desperta o interesse do enunciatário¹⁶, gera expectativas e, por fim, provoca a suspensão estética. A modulação prosódica realizada pelo enunciador coloca o enunciatário em junção com os valores do texto, implicando perdas (pejoração negativa de eliminação) e ganhos (melhoria positiva que enriquece a semiose) nas formas e sentidos convencionais da Libras, sedimentados ao longo da história da língua. Essa modulação altera as restrições e convenções de configuração dos parâmetros primários — abertura e deslocamento espacial, duração temporal, força e aceleração dos movimentos —, atualizando seus limites para gerar *impacto visual*, do qual decorrem efeitos de sentido afetivos.

Por meio desse constante processo de persuasão e instrução, o enunciador atrai, cativa e suspende o julgamento epistêmico do enunciatário, condicionado pelas normas corporais específicas do sistema linguístico da Libras, quanto à congruência da

¹⁶ Aquilo que Zaupa e Leite (2024, p. 126) denominaram de *curiosidade*, durante sua análise de textos do gênero suspense.

sinalização presenciada (Le Corre, 2004, p. 109). Insere-o, então, em uma subjetividade singular que fragmenta sua percepção em limiares modalizáveis pelos efeitos de sentido decorrentes de seus arranjos expressivos, e orienta seu ponto de vista. Assim, o enunciador-sinalizante, destinador-manipulador da comunicação, instrui o enunciatário no sentido de distinguir a especificidade da *experiência* sensível (Tatit, 2024, p. 161).

O modo de enunciar altera o fluxo homogêneo da existência do espectador, projetando nela uma estrutura aspectual que demarca nos elementos da sinalização postos em ato, inícios, fins e transições distintas das formas linguísticas dicionarizadas. O enunciador convoca o enunciatário à novidade da experiência (Fontanille, 2008a), pela qual evita a sanção negativa das transgressões semissimbólicas que opera e promove a aderência do enunciatário à retidão do seu dizer (Bordron, 2007). Este, por sua vez, passa a cifrar espaço e tempo em uma cadência que segue a realização do irrealizável pela instância enunciante (Fontanille, 2008a, p. 67–68). A certeza subjetiva supera a necessidade imposta pela norma lexical ao passo que a estereotipia se transforma em novidade sensorial e poética (Badir, 2024, p. 33; Barros, 2022, p. 27).

As práticas gestuais inovadoras, que conotam relações semânticas novas e significações inéditas (Bertrand, 2003, p. 88), instauradas pelo enunciador-sinalizante de V&V configuram uma *força organizadora*¹⁷ que rege a cadência comunicacional, alterando o regime afetivo do enunciatário ao transgredir a norma linguística prevista para a construção do léxico da Libras. O trabalho estético do enunciador compatibiliza a dinâmica rítmico-acentual do *Movimento sensorial e objetivado* com uma *moção subjetiva*, operação pela qual a tensão entre a conservação e a revolução das formas, impulsionada pela revogação da práxis enunciativa da língua de sinais, é particularmente visível.

Conclusão

Neste estudo investigamos a dimensão retórica na enunciação de textos sinalizados em Libras, a partir das variações prosódicas que rompem a normatividade da língua enquanto *estratégias sinalizadas de persuasão afetiva* em textos de modalidade visuoespacial. Exploramos um dos parâmetros primários (Movimento) do repertório

¹⁷ Expressão inspirada na noção de *força fonética*, discutida por Vos, Kooij e Crasborn (2009, p. 330), autores que, através de outros métodos, também investigaram o objeto ao qual nos atemos no presente trabalho.

imagético produzido por *V&V*, para destacar que a abordagem tensiva oferece metodologia para análise mais abrangente da estrutura prosódica em textos em línguas de sinais.

Assim, o aporte teórico de nosso trabalho inclui a análise da subjetividade na prosodização, explorando a dimensão retórica inerente à interação dos actantes da enunciação — projeções discursivas do sinalizador e espectador da gestualidade. Este processo revela procedimentos persuasivos baseados em alterações estruturais dos parâmetros primários definidos pela norma linguística para a configuração dos sinais. Destacamos como as variações prosódicas, enquanto substâncias manifestantes de ordem sensorial, marcam a projeção discursiva do sinalizador no texto sinalizado, que pode ocasionalmente romper com restrições linguístico-gramaticais amplamente observadas em sua língua para criar impacto visual e valor estético. Como observa Carmo Júnior (2005, p. 84), essas marcas enunciativas mesclam emoção ao dizer, adicionando uma camada sensorial que sensibiliza o enunciatário.

Os resultados reafirmam o estatuto linguístico das línguas de sinais, ao demonstrar que fenômenos típicos das línguas orais também ocorrem na modalidade visuoespacial. Alterações espontâneas nos parâmetros dos sinais apresentam semelhanças com as derivações diminutivas dos substantivos no português brasileiro, como, por exemplo, em *florzinhas* e *barzinhos*. Embora essas formas sejam amplamente aceitas pelo uso cotidiano, elas divergem da norma gramatical, que prescreve *florezinhas* e *barezinhos*. Em ambas as modalidades, essas derivações, além de poderem surgir por comodidade articulatória, também podem ser fruto da intencionalidade estética do enunciador, que, assim, extrapola o sentido denotativo dos itens lexicais e introduz conotações qualitativas e emocionais (e.g., *gentinha*, *golaaaaaço!*).

A metodologia proposta fundamenta uma abordagem da prosódia afetiva das línguas sinalizadas, assumida como uma composição superficial do texto que predica categorias figurais de ordem tensiva — complexificação de valências de andamento, tonicidade, temporalidade e espacialidade, responsáveis pela construção da dinâmica rítmico-acentual da semiose visuoespacial e assumidas como critérios de análise mais bem delimitados do que aqueles propostos até então pelos Estudos Surdos.

O presente trabalho trata-se de um estudo preliminar em território relativamente inexplorado. Relatamos ao longo do texto os resultados mais claramente apoiados pelos dados e pela análise. A eficácia de nossa abordagem metodológica exige investigação e

verificação mais rigorosas, com *corpora* maiores e mais variados, como textos conversacionais, além de verificação experimental, procedimentos que permitirão ampliar a compreensão da função discursiva da prosódia em Libras para além das fronteiras tradicionais.

Referências

- BADIR, Sémir. La théorisation sémiotique des modalités et le statut de la vérité. *Estudos Semióticos*, [s. l.], v. 20, n. 3, p. 27–52, 2024. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/225373>. Acesso em: 26 dez. 2024.
- BATTISON, Robbin. Phonological deletion in American Sign Language. *Sign Language Studies*, [s. l.], v. 5, n. 1, p. 1–14, 1974. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/pub/18/article/507140>. Acesso em: 16 jul. 2024.
- BERTRAND, Denis. *Caminhos da semiótica literária*. Bauru: Edusc, 2003.
- BLONDEL, Marion; MILLER, Christopher. Rhythmic structures in French Sign Language (LSF) nursery rhymes. *Sign Language & Linguistics*, [s. l.], v. 3, n. 1, p. 59–77, 2000. Disponível em: <http://www.jbe-platform.com/content/journals/10.1075/sll.3.1.04blo>. Acesso em: 25 set. 2024.
- BORDRON, Jean-François; DONDERO, Maria Giulia. L’expression : de Hjelmslev à l’analyse computationnelle des larges collections d’images. *Actes Sémiotiques*, [s. l.], n. 129, 2023. Disponível em: <https://www.unilim.fr/actes-semiotiques/8077>. Acesso em: 25 jan. 2025.
- BRELET, Gisèle. *Le temps musical: essai d’une nouvelle esthétique de la musique*. Paris: Presses Universitaires de France, 1949. v. 1–2.
- BRENTARI, Diane; GOLDIN-MEADOW, Susan. Language emergence. *Annual Review of Linguistics*, [s. l.], v. 3, n. 1, p. 363–388, 2017. Disponível em: <https://www.annualreviews.org/doi/10.1146/annurev-linguistics-011415-040743>. Acesso em: 25 set. 2024.
- CAPOVILLA, Fernando César et al. *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em suas mãos*. São Paulo: Edusp, 2017. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002841837>. Acesso em: 13 jul. 2024.
- CARMO JÚNIOR, José Roberto. *Da voz aos instrumentos musicais: um estudo semiótico*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2005.
- CASSIRER, Ernst. *A filosofia das formas simbólicas*. São Paulo: Martins Fontes, 2019. v. 2: O pensamento mítico.
- COKELY, Dennis; BAKER-SHENK, Charlotte Lee. *American Sign Language: a teacher’s resource text on curriculum, methods, and evaluation*. Washington: Gallaudet University Press, 1980.
- CORINA, David; BELLUGI, Ursula; REILLY, Judy. Neuropsychological studies of linguistic and affective facial expressions in deaf signers. *Language and Speech*, [s. l.], v. 42, p. 307–331, 1999.

- DACHKOVSKY, Svetlana; STAMP, Rose; SANDLER, Wendy. Mapping the body to the discourse hierarchy in sign language emergence. *Language and Cognition*, [s. l.], v. 15, n. 1, p. 53–85, 2023. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/product/identifiser/S1866980822000254>. Acesso em: 25 set. 2024.
- FONTANILLE, Jacques. Colère. In: RALLO DITCHE, Elisabeth; FONTANILLE, Jacques; LOMBARDO, Patrizia (org.). *Dictionnaire des passions littéraires*. Paris: Belin, 2005. p. 72.
- FONTANILLE, Jacques. Les voies (voix) de l'affect. *Actes Sémiotiques*, [s. l.], n. 120, 2017. Disponível em: <https://www.unilim.fr/actes-semiotiques/5806>. Acesso em: 16 jul. 2024.
- FONTANILLE, Jacques. *Pratiques sémiotiques*. Paris: Presses Universitaires de France, 2008.
- FONTANILLE, Jacques. Âges de la vie: les régimes temporels du corps. In: FONTANILLE, Jacques; DARRAULT-HARRIS, Ivan. *Les âges de la vie: sémiotique de la culture et du temps*. Paris: Presses Universitaires de France, 2008. p. 59–75.
- FONTANILLE, Jacques; ZILBERBERG, Claude. *Aspect*. 1998. Manuscrito não publicado.
- FUKS, Orit. Intensifier actions in Israeli Sign Language discourse. *Gesture*, [s. l.], v. 15, n. 2, p. 192–223, 2016.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Da imperfeição*. 2. ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores; CPS, 2017.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Semântica estrutural*. São Paulo: Cultrix, 1973.
- GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2021.
- GREIMAS, Algirdas Julien; KRISTEVA, Julia; TORRES, Manuela. *Práticas e linguagens gestuais*. Lisboa: Vega, 1979.
- HINTON, Leanne; NICHOLS, Johanna; OHALA, John (org.). *Sound symbolism*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- HJELMSLEV, Louis Trolle. *Nouveaux essais*. Paris: Presses Universitaires de France, 1985.
- JOHNSON, Trevor; SCHEMBRI, Adam. *Australian Sign Language: an introduction to sign language linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- KLAMT, Marilyn Mafra. *O ritmo na poesia em Língua de Sinais*. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.
- KLAMT, Marilyn Mafra; MACHADO, Fernanda de Araújo; QUADROS, Ronice Müller de. Simetria e ritmo na poesia em língua de sinais. In: QUADROS, Ronice Müller de; WEININGER, Markus Johannes (org.). *Estudos da Língua Brasileira de Sinais III*. Florianópolis: Insular, 2014. p. 211–226.

- KLIMA, Edward; BELLUGI, Ursula. Poetry and song without sound. *Cognition*, [s. l.], v. 4, n. 1, p. 45–97, 1976.
- LE CORRE, Geneviève. Les marques morpho-dynamiques de l'insulte en Langue des Signes Française. *Langue française*, [s. l.], v. 144, n. 1, p. 105–123, 2004.
- MACHADO, Fernanda. *V vs V*. Swarthmore College, 2018. Disponível em: <https://player.vimeo.com/video/325444221>. Acesso em: 13 jul. 2024.
- MANCINI, Renata. A enunciação tensiva em diálogo. *Estudos Semióticos*, [s. l.], v. 15, p. 64–87, 2019.
- MCNEILL, David. So you think gestures are nonverbal? *Psychological Review*, [s. l.], v. 92, p. 350–371, 1985.
- ORMSBY, Alec. *The poetry and poetics of American Sign Language*. 1995. Tese (Doutorado) – Stanford University, Stanford, 1995.
- PLATÃO. *República*. 8. ed. São Paulo: Martin Claret, 2013.
- QUADROS, Ronice Müller de et al. (org.). *Gramática da Libras*. Rio de Janeiro: INES, 2023. v. 2.
- QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. *Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- SUTTON-SPENCE, Rachel. *Analysing Sign Language poetry*. Hampshire: Palgrave Macmillan, 2005.
- SUTTON-SPENCE, Rachel. *Literatura em Libras*. Petrópolis: Arara Azul, 2021.
- TATIT, Luiz. *Passos de semiótica tensiva*. Cotia: Ateliê Editorial, 2019.
- VALLI, Clayton Lewis. *Poetics of American Sign Language poetry*. 1993. Tese (Doutorado) – Union Institute Graduate School, Cincinnati, 1993.
- ZILBERBERG, Claude. *Elementos de semiótica tensiva*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.